

**SOUSA GALITO, Maria (2013). Entrevistas – Geopolítica Portuguesa do Séc. XXI: Perspectiva e Prospectiva. *CI-CPRI*, AI, N.º 18, Abril, pp. 1-34.**

**AI: Artigo de Investigação**

**CI-CPRI**



## **ENTREVISTAS**

# **GEOPOLÍTICA PORTUGUESA DO SÉC. XXI: PERSPECTIVA E PROSPECTIVA**

**MARIA SOUSA GALITO**

Lisboa, Abril 2013

## ÍNDICE

<b>1. Apresentação</b>	<b>3</b>
<b>2. Entrevista 1 – Professor Doutor João Ferreira do Amaral</b>	<b>4</b>
<b>3. Entrevista 2: Professor Doutor Vítor Bento</b>	<b>10</b>
<b>4. Entrevista 3: Prof. Doutor João Duque</b>	<b>16</b>
<b>5. Entrevista 4: Major General José Freire Nogueira</b>	<b>19</b>
<b>6. Entrevista 5: General José Loureiro dos Santos</b>	<b>24</b>
<b>7. Entrevista 6: Major General Pedro Pezarat Correia</b>	<b>26</b>
<b>8. Entrevista 7: Dr. Joaquim Aguiar</b>	<b>32</b>

## APRESENTAÇÃO

A entrevista é um procedimento passível de ser utilizado em pesquisa no âmbito das ciências humanas, inclusivamente em geopolítica. Sendo assim, entre os meses de Fevereiro e Abril de 2013, foram realizadas entrevistas a peritos cujas opiniões fundamentadas pudessem ser confrontadas por serem diferentes e/ou complementares à análise das matérias em discussão, relacionadas com a geopolítica portuguesa no séc. XXI.

Optou-se pela realização de entrevistas semi-estruturadas. A autora propunha algumas perguntas principais mas permitia a alteração da sequência ou até a introdução de novas perguntas sempre que surgia a oportunidade de recolher informação extra. «O entrevistador tem, assim, possibilidade de adaptar este instrumento de pesquisa ao nível de compreensão e receptividade do entrevistado.»<sup>1</sup>

Os especialistas que acederam em participar no projecto foram o Professor Doutor João Ferreira do Amaral, o Professor Doutor Vítor Bento, o Professor Doutor João Duque, o Major General José Freire Nogueira, o General José Loureiro dos Santos, o Major General Pedro Pezarat Correia e o Dr. Joaquim Aguiar. A todos se agradece profundamente.

---

<sup>1</sup> Moreira, Carlos Diogo (1994). Planeamento e estratégias da Investigação Social. Lisboa: ISCSP/UL; p. 133.

## **ENTREVISTA 1: PROFESSOR DOUTOR JOÃO FERREIRA DO AMARAL**

Data: 21/02/2013

Duração da Entrevista: 21 minutos

**MSG:** Qual é a verdadeira situação macroeconómica portuguesa neste momento?

**JFA:** É uma situação muito complicada. Portugal tem um nível de endividamento (mesmo para padrões internacionais) muito elevado, quer do Estado, quer da economia em relação ao exterior. Tem uma potencialidade de crescimento muito baixa, ou seja, a nossa estrutura produtiva não está em condições para fazer crescer a economia nos próximos tempos. A complicação resulta de um grande endividamento, da necessidade de fazer um investimento significativo para que a economia possa recuperar. Como à partida, Portugal regista uma elevada taxa de desemprego (quase 17% da população activa), isto traduz-se numa situação macroeconómica muito bloqueada.

**MSG:** O problema português é de: 1) falta de recursos; 2) má gestão de recursos (ineficiência); 3) é uma questão de mentalidade (má identificação/exploração dos recursos disponíveis – por exemplo, o mar deixou de ser considerado uma prioridade estratégica).

**JFA:** Portugal possui recursos importantes mas estes não podem ser mitificados. Há recursos não muito utilizados como o mar, as florestas. Todavia, comparativamente com outros países, nem somos especialmente bem dotados nem mal contemplados. Portugal desfruta de recursos suficientes para tirar mais partido deles do que tem tirado até agora. Não os tem dinamizado devidamente por causa de uma situação enviesada do ponto de vista macroeconómico, que conduziu a economia a especializar-se em sectores protegidos da concorrência externa (habitação, serviços, etc.). Tal retirou incentivos à exploração dos recursos naturais portugueses. Ao longo de uns quinze anos, Portugal tem conferido incentivos errados à actividade económica.

**MSG:** Portugal é um país pouco industrializado? Investiu demasiado no sector terciário?

**JFA:** Acho que não é verdade dizer-se que Portugal é um país pouco industrializado. O país teve uma fase de industrialização bastante rápida, começando nos anos cinquenta do séc. XX, mas com um ritmo mais elevado nos anos sessenta, em particular durante a nossa adesão à EFTA. Durante a década de setenta e de oitenta, a indústria continuou a funcionar

bem, no seu sentido lato. Portugal começou um processo muito rápido de desindustrialização durante os anos noventa. Penso que a adopção de uma moeda forte produziu esse efeito.

**MSG:** O principal problema português é interno ou externo?

**JFA:** O principal problema é sempre interno. Neste momento, Portugal não tem uma estrutura económica viável. Não podemos imaginar nenhum cenário internacional em que a nossa estrutura económica ficasse, por milagre, com viabilidade. É necessário muito investimento para contornar o problema e, hoje em dia, é muito difícil obter financiamento para ele por causa da dívida externa portuguesa. Não conseguiremos dar a volta a isto sem ajuda externa e um ambiente internacional mais favorável, mas isso é outra coisa. O problema português é essencialmente interno. A crise internacional teve o seu papel mas não é a origem dos problemas nacionais.

**MSG:** Não sei se concorda, mas Portugal está a ser alvo de *bullying* nos mercados internacionais, ao ser incluído na sigla PIGS ou ao receber constantes cortes nos *ratings* da sua dívida soberana. Esta situação é sobretudo: 1) um problema de performance baixo; 2) do ponto de vista relativo não é das economias piores, mas a União Europeia deixou isolar o nosso país e castigou os Estados-membros do sul por os considerar mal comportados; 3) ou faz parte de um *master plan* para abrir as portas à União Bancária e, em última análise, à Federação Europeia (ideias pouco populares antes da crise da Zona Euro).

**JFA:** Penso que não tem esse carácter de empurrão para a União Bancária. Quando muito, resulta da adaptação à situação que se criou. A situação portuguesa era, à partida, merecedora de uma baixa de *ratings* nos mercados internacionais, não tenho dúvida nenhuma. Tenho de reconhecer que se eu fosse investidor externo e olhasse para a economia portuguesa, mesmo antes da crise, levando em consideração o alto nível de endividamento e a baixa tendência de crescimento, eu não teria dúvida nenhuma que Portugal seria um país arriscado. A meu ver, as quedas de *rating* podem eventualmente corresponder a interesses imediatos das agências de *rating*, não sei se correspondem ou não, mas tem razão de ser.

Esta situação pode manter-se durante muito tempo porque os mercados entendiam que a Zona Euro nunca deixaria cair um dos seus Estados-membros. Portugal continuou a obter financiamento, apesar de em si já não o merecer. Quando ocorreu a crise grega, verificou-

se que não era assim. Nessa altura, creio que houve de facto uma intenção de castigar os países do sul. Aliás, as declarações foram muito nesse sentido. Não se apoiou logo a Grécia e deixou-se apodrecer a situação de tal forma que o problema ainda não está extinto. A Portugal aconteceu o mesmo. A Irlanda é um caso diferente. Isso significa que houve intenção de castigar os países da Europa do sul. Penso é que foi uma decisão de aprendiz de feiticeiro, pois os efeitos ultrapassaram em muito os pretendidos. Entrou-se numa situação muito complicada para a Europa toda, não apenas para os países do sul.

Penso que a União Bancária não era, à partida, aquilo que se pretendia mas foi a solução encontrada para ver se a situação na Zona Euro se estabiliza. Tenho as minhas dúvidas de que tal seja suficiente. Tenho quase a certeza que não vai ser suficiente.

Há de facto uma razão objectiva para os *ratings* da dívida soberana portuguesa terem baixado. A Zona Euro, ao dar indicações aos mercados que deixaria cair alguns Estados-membros, criou um problema tão insolúvel para ela própria que esta teve de voltar atrás nesse desígnio. Não há aqui uma conspiração, há uma má decisão.

Uma situação como a portuguesa ou como a grega não poderia continuar indefinidamente, mas a forma como a situação foi gerida e se fez o ajustamento dos países em dificuldades é que foi completamente errada. Porque não se produziu ajustamento nenhum.

**MSG:** É defensor da possibilidade de Portugal sair da Zona Euro. Como tal se processaria?

**JFA:** Há autores que consideram que a possibilidade de sair da Zona Euro teria de ser organizada em conjunto com muitos países. Não estou de acordo com isso. Acho que é perfeitamente possível conceber uma saída individual, desde que a negociação seja feita em comum acordo e com o apoio das instituições comunitárias. E Portugal tem urgência nisso, do meu ponto de vista, porque eu cada vez mais me convenço de que o problema nacional não tem solução dentro da Zona Euro.

**MSG:** No seu entender, haveria um benefício líquido na saída de Portugal da Zona Euro. Mas quais são os custos? Quais os riscos em que incorremos se algo correr mal?

**JFA:** A saída de Portugal da Zona Euro, para ser feita de forma equilibrada e evitar um processo tão doloroso como ocorreu na Argentina (que saiu de uma situação semelhante mas sem auxílio), teria de ser feita com o apoio comunitário, o qual poderia ser de três tipos.

Primeiro, as autoridades comunitárias, em particular a Comissão Europeia e o Conselho declarariam aceitar o processo de saída e que auxiliariam o país em caso do processo descambar por qualquer razão. É algo sempre delicado, porque tem muito a ver com a confiança depositada no processo por parte dos agentes económicos.

Segundo, creio que será necessário em qualquer caso, esteja Portugal dentro ou fora da Zona Euro, aumentar os prazos de pagamento da dívida externa (semelhantes aos que a Irlanda obteve) ao abrigo do auxílio comunitário.

Terceiro, o mais difícil de todos mas penso que não haveria obstáculos intransponíveis, é o Banco Central Europeu (BCE) comprometer-se a ir renovando a dívida que os bancos portugueses têm no BCE, mesmo depois da saída, embora reduzindo gradualmente esse endividamento. Portanto, o BCE não poderia fechar de repente a torneira, porque depois os bancos portugueses não teriam como financiar-se.

**MSG:** Se Portugal tivesse optado por uma saída da Zona Euro em 2008, estaríamos numa situação semelhante à actual mas com o problema resolvido, é isso?

**JFA:** Com o problema resolvido não direi. Mas com um avanço muito grande em relação à resolução do problema. Provavelmente já teríamos um sector de bens transaccionáveis de maior dimensão. Teríamos necessariamente, e esse é o custo principal, mais inflação.

**MSG:** Peço-lhe um comentário em relação à questão das exportações.

**JFA:** O sector exportador sofre influência da situação económica externa. A recessão, em particular em Espanha, tem tido algum impacto negativo sobre as exportações. A capacidade do sector exportador em Portugal é limitada e como se tem investido pouco, esta não aumentado.

Portugal pode querer vender mais calçado, máquinas, etc. mas, por um lado, é preciso procura (tem havido mas em desaceleração desde o ano passado). Por outro lado, é preciso haver capacidade produtiva (e essa não tem aumentado, por falta de investimento necessário).

**MSG:** Com a nova diplomacia económica, tem-se falado muito em abrir portas a novos mercados para as empresas portuguesas...

**JFA:** Isso está correcto. Mas tem em conta o limite da capacidade produtiva. A certa altura não se investe, não se pode querer que aumente a capacidade produtiva.

Portugal tem outro problema no mercado das exportações: muito investimento estrangeiro no passado foi para a indústria de exportação (ou muito relacionadas com a exportação) mas têm havido muitas deslocalizações.

**MSG:** Há mercados prioritários para as empresas portuguesas ou estas devem aproveitar as oportunidades?

**JFA:** Acho que é um pouco das duas coisas. Há empresas que não precisam de apoio. Outras podem necessitar de apoio em mercados em que é mais difícil entrar. Também é importante pressionar à descida de barreiras nos mercados para onde queremos exportar. Por exemplo, o mercado brasileiro é muito proteccionista. Pode-se pressionar a Comissão Europeia para negociar melhor os acordos comunitários com o Brasil. Depois há mercados que só se abrem às empresas portuguesas depois da organização de missões governamentais, tais como os do Magrebe, do extremo oriente ou alguns países em África. Portanto, a situação varia.

Portugal tem-se feito um esforço no sentido da diversificação dos mercados de destino das nossas exportações e isso é muito importante. Mas também há limitações. Se não houver capacidade para produzir mais, não se pode exportar mais.

**MSG:** O centro de gravidade da geoeconomia está a transferir-se do Atlântico para o Pacífico, do hemisfério Norte para o hemisfério Sul?

**JFA:** Do hemisfério Norte para o hemisfério Sul não creio, até porque o Sul é muito menos povoado do que o Norte. Os grandes mercados estão a Norte. Do Atlântico para o pacífico, sim é verdade. O Pacífico tem uma capacidade de crescimento maior. Mas o Atlântico também vai ter uma importância crescente no comércio mundial.

**MSG:** E o espaço lusófono, com o Brasil e Angola?

**JFA:** Também pode ser usado para facilitar. Mas Portugal deveria explorar também o Canadá e os EUA e temos lá muitos emigrantes. O México é um país grande, que possui potencialidades de crescimento. Ou a sul, com países com grande capacidade de crescimento como a Argentina, o Chile, a Venezuela. Penso que se está a tentar investir mais nestes mercados, o que é importante e será certamente uma ajuda. A Europa não terá

uma forte capacidade de crescimento no futuro, pelo que é um erro apostar em mercados com baixa capacidade de crescimento.

**MSG:** Mas há quem defenda a ideia de avançar para uma União Bancária e depois para uma Federação. Nesse caso, faria sentido apostar mais nos mercados da Zona Euro...

**JFA:** Não acho que faça sentido. Tenho as minhas dúvidas que se avance para uma Federação, para não dizer que não se vai avançar quase de certeza. Sou contrário à transformação da União numa federação. Estão é em curso grandes alterações de poder na Europa, pelo que Portugal não tem o mesmo grau de interesse em pertencer à União Europeia do que na altura da nossa adesão.

**MSG:** O reforço do FMI (do sistema das Nações Unidas) seria importante para a estabilização do sistema financeiro internacional?

**JFA:** Seria bom se o FMI fizesse aquilo que era a sua missão original, ou seja, que gerisse o sistema monetário internacional. Mas o FMI não faz isso desde há muito tempo. Antes da globalização já tinha deixado de o fazer. Quando o Acordo Bretton Woods implodiu, o FMI passou a ser apenas uma entidade do tipo bombeiro que intervém nos países com problemas e faz programas de ajustamento com maior ou menor êxito, muitos deles sem êxito. Esse papel tornou-se menos relevante quando a globalização acelerou e começaram a aparecer outros centros de poder. Hoje em dia o FMI é uma instituição com um papel muito restrito em relação ao que devia ter, mas também percebo que não haja condições políticas mundiais para que o FMI possa exercer o papel de regulador do sistema monetário internacional. A única coisa que faz é a aplicação de programas de ajustamento.

**MSG:** Uma última pergunta. Quais são as suas expectativas em relação a Portugal até 2015?

**JFA:** Todos os cenários são possíveis. Não há nenhum cenário a excluir neste momento. Vão desde um cenário de recuperação ligeira, até ao cenário de uma ruptura social. Neste momento, pode haver de tudo. A situação é suficientemente complicada e complexa para não permitir excluir cenários.

**MSG:** Muito obrigada.

## **ENTREVISTA 2: PROFESSOR DOUTOR VÍTOR BENTO**

Data: 25/02/2013

Duração da Entrevista: 27 minutos

**MSG:** Qual é a verdadeira situação macroeconómica portuguesa neste momento?

**VB:** É uma situação muito complexa. Portugal está a viver um grande processo de ajustamento económico, mas sem dispor de todos os instrumentos necessários para o resolver – por não dispor de moeda própria – o que torna todo o processo mais difícil e doloroso.

Portugal, durante uma dúzia de anos importou muito mais do que exportou. Registou défices externos, o que significa que a procura interna esteve permanentemente acima do seu ponto de sustentabilidade (aquilo que em, linguagem corrente, corresponde a viver acima das possibilidades). Consumia muito mais do que produzia, sendo a diferença sustentada por financiamento externo. Enquanto esse financiamento externo existiu, Portugal manteve o padrão de vida. Quando a torneira do crédito externo secou, esse modo de vida tornou-se insustentável, sendo obrigado a ajustar-se.

Agora, das duas uma (ou uma combinação de ambas): ou aumenta as exportações (e/ou substitui importações por produção interna), por forma a obter os recursos necessários para financiar o nível de procura interna a que se habitou; ou reduz a procura interna (e com ela reduz as importações necessárias para a alimentar) até esta se tornar compatível com o financiamento proporcionado pelas exportações. Estamos a falar de um ajustamento na ordem dos 8 a 10% do PIB.

Aquilo que é normal num ajustamento desta natureza é agir por duas vias: 1) contrair a despesa através de medidas orçamentais e monetárias (aquilo a que vulgarmente se chama de políticas de austeridade) criando, assim, um choque negativo sobre a procura interna; 2) desvalorizar a moeda, proporcionando um choque positivo sobre a procura externa que compense os efeitos negativos daquele choque sobre o PIB. Quanto mais eficaz for este segundo efeito, menor terá que ser o primeiro e vice-versa.

Como Portugal não pode desvalorizar a moeda, terá que sobrecarregar o primeiro instrumento. Consegue atingir o equilíbrio externo – que dispensa a economia de depender

do financiamento externo – mas à custa de um sobre-ajustamento da procura interna. Ou seja, importa menos porque consome menos, e não porque exporte o que seria necessário para manter o nível de consumos a que se habituou. Isto vai deixar a economia durante muito tempo a funcionar com níveis elevados de desemprego, até conseguir recuperar a competitividade necessária para crescer apoiado nas exportações e assim obter margem de manobra que estimule a procura interna e se absorvam os recursos disponíveis na economia. Ou seja, os próximos anos vão continuar muito difíceis.

**MSG:** O problema português é de: 1) falta de recursos; 2) má gestão de recursos (ineficiência); 3) ou má identificação dos recursos prioritários (por exemplo, agora fala-se outra vez muito do valor estratégico do mar).

**VB:** É um pouco de tudo. Quando temos 17% de desemprego, a caminhar para os 20%, registamos uma insuficiente utilização dos recursos disponíveis. O capital humano é um recurso e dos mais importantes. E actualmente não temos capacidade de colocar inteiramente esse recurso a produzir. Precisamos de atrair investimento, o que é complicado face a perspectivas pouco positivas. Não temos factores de diferenciação muito favoráveis, quer em termos de perspectivas económicas quer em termos fiscais.

Em termos de opções estratégicas, fizemos uma má utilização dos recursos no passado. Desde que aderimos ao projecto de construção europeia, em particular desde que entrámos para a Zona Euro, recebemos muito financiamento, mas canalizámo-lo para actividades pouco produtivas e que pouco aumentavam o nosso potencial de crescimento (obras públicas em geral não reprodutivas). Não utilizámos esse capital de forma a potenciar riqueza futura. O financiamento foi praticamente para consumo ou equivalente

Entre 1998 e 2007/08, Portugal registou das mais altas taxas de investimento (em relação ao PIB) da Zona Euro, e a segunda mais baixa taxa de eficiência marginal do capital. O que é equivalente a um enorme desperdício de recursos. Agora tem de pagar esses recursos, quando estes não foram aplicados de forma suficientemente rentável para se pagarem a si próprios.

E também há, claro, um problema de escassez de recursos. De recursos humanos suficientemente qualificados, de um lado, e de capital – dada a baixíssima taxa de poupança do País –, de outro lado.

**MSG:** A crise económico-financeira portuguesa tem sobretudo causas internas ou externas?

**VB:** Vou dar-lhe uma imagem para traduzir ideias complexas de forma simples. Imagine que há uma grande inundação e as casas que se encontram no caminho da enxurrada são por ela levadas. A culpa é da cheia ou de quem construiu em leito de cheia? É que a questão é essa. É óbvio que há condições externas negativas. Mas os estragos que a tempestade causa são maiores onde se deixaram estabelecer pontos de vulnerabilidade. Portugal é um caso exemplar. Criou, por erradas opções internas, as vulnerabilidades para que a crise internacional o tivesse apanhado mais fragilizado.

Outra imagem. Na história dos três porquinhos, o lobo sopra sobre três casas. Há uma casa que cai, outra que leva mais tempo a cair e outra que resiste. Portanto, o sopro foi o mesmo, a precaução posta na construção das casas, e reflectida na sua resistência, é que foi diferente. isto exemplifica a relação do caso português com a crise internacional. Houve condições externas, iguais para todos, mas que afectaram diferentemente os Estados-membros da Zona Euro. Portanto, a causa principal da dimensão da crise que vivemos – isto é o factor verdadeiramente diferenciador – é interna e não externa.

**MSG:** Não sei se concorda que Portugal está a ser alvo de *bullying* nos mercados internacionais. Esta situação ocorre sobretudo, porque: 1) há um problema de performance baixo; 2) do ponto de vista relativo não é das economias piores, mas a União Europeia deixou isolar o nosso país e castigou os Estados-membros do sul por os considerar mal comportados; 3) ou faz parte de um *master plan* para abrir as portas à União Bancária e, em última análise, à Federação Europeia (ideias pouco populares antes da crise da Zona Euro).

**VB:** Sou muito céptico em relação às teorias da conspiração. A realidade social é demasiado complexa e elástica para que alguém consiga maquiavelicamente controlar todas as variáveis relevantes para obter um determinado resultado. A dose de incerteza que existe na interacção das várias comunidades humanas que fazem parte do todo social, é demasiada porque a teia dessa interacção é demasiado complexa.

Não acredito que tal ocorra à macro-escala europeia. Em escalas mais pequenas, talvez. Ponho de lado, pois, qualquer intencionalidade de produzir um determinado resultado mesmo que alguém beneficie dessa situação.

Aquilo a que chama *bullying* não é mais do que oportunismo racional a aproveitar-se de vulnerabilidades que já existem. Os mercados não são conduzidos por razões morais, nem sequer imorais; são amorais. O objectivo de quem tem uma carteira de investimentos é maximizar os lucros. Não é que queira fazer mal a X, Y ou Z, mas avaliar como determinadas acções podem produzir efeitos a seu favor. Na convicção, até que se essa oportunidade existir, alguém a irá aproveitar e que, portanto, quem hesitar, perde, e quem não hesitar, ganha.

Uma das formas de *bullying* – enfim, tomando como boa essa frase – é o que, em linguagem tecnocrática, se chama de *short selling* de dívida soberana (vender obrigações que se não têm, tentando forçar a queda do preço, para depois se recomprarem mais baratas e fazer um lucro com a diferença). Isto só funciona se não houver mais ninguém interessado nessa dívida. Isto é, se as dúvidas sobre a sua sustentabilidade já forem de tal ordem que ninguém mais se “atravessa” a comprá-la. Só nessas condições é que o *short selling* é vantajoso e rentável. Mas apenas porque precipita a evolução de uma situação pré-existente.

As condições de vulnerabilidade já lá estavam, e são elas que, digamos, “alimentam o apetite” do especulador. Quando muito, há um golpe de misericórdia. Mas não é ele que cria a desgraça. Quando muito, aproveita-se de uma desgraça que já existe.

**MSG:** *Ceteris Paribus*, se tudo o mais se mantiver constante, qual a sua expectativa para Portugal até 2015?

**VB:** Quer Portugal, quer a Zona Euro, vão lutar por manter o *status quo*, ou seja, que Portugal se mantenha na Zona Euro e que esta mantenha a sua integralidade. Vão procurar minimizar os custos de transição deste processo, que vai ser demorado, para ambos os lados. Não há uma receita milagrosa que mude a situação de um momento para o outro.

Este processo é um desafio muito grande para a Zona Euro e para a União Europeia. Apesar de tudo, têm havido sinais positivos e um esforço considerável para manter intacta a Zona Euro. A partir de uma determinada altura, teria sido tentador deixar cair alguns Estados-membros, nomeadamente os das periferias a sul. Mas os decisores políticos, até aqueles a quem são assacadas intenções maldosas, reconhecem que na Europa nenhum país possui dimensão suficiente para ser relevante no contexto da globalização, razão pela qual têm sido avançadas soluções impensáveis há dois/três anos atrás, até quebrando algumas

barreiras, não digo ideológicas, mas mentais que antes existiam. Portanto, até 2015 não haverá nenhuma alteração muito significativa que não seja uma razoável estabilização da situação e o eventual lançamento das bases para um novo ciclo de crescimento.

**MSG:** Procurando agora uma cenarização em relação a 2025 e partindo do suposto que o centro de gravidade geoeconómico está a transferir-se do Atlântico para o Pacífico, e do Hemisfério Norte para o Hemisfério Sul, como pode Portugal equacionar a sua posição neste contexto? Deve investir noutros mercados ou apostar tudo numa Federação Europeia?

**VB:** Portugal tem sido um dos principais perdedores do processo de deslocação, para leste, dos centros (europeu e mundial) geoeconómicos e geopolíticos. Quando entrámos para a CEE, a Europa “relevante” era praticamente a parte Ocidental e ninguém previa que deixasse de o ser num futuro próximo. Com a queda do Muro de Berlim, toda a geografia europeia (do ponto de vista físico, político e económico) foi alterada. A própria União Europeia alargou-se a um ritmo sem precedentes, porque todos os alargamentos anteriores haviam sido paulatinos, de consolidação. De repente, os alargamentos foram acelerados e abrangentes. Com isso, o centro político-económico transferiu-se para leste. A princípio, o centro (geográfico) do projecto de construção europeia era talvez a cidade do Luxemburgo. Hoje é Bratislava (Eslováquia). Os países que mais se afastaram do “centro” foram Portugal, Espanha e Irlanda, com a agravante de Portugal não ter mais nenhum *hinterland*. Portugal ficou mais distante do centro geoeconómico mas sem que tenha alargado as suas alternativas, pois para trás só tem mar. Mesmo que queiramos englobar o Mediterrâneo e o Norte de África, o resto da Europa está mais próximo do que nós. Por outro lado, quando o centro económico se desloca para o Pacífico, Portugal também fica mais afastado. Consequências? Praticamente as que advieram da queda do Muro de Berlim.

Entretanto, Portugal pode tentar ganhar uma nova centralidade. Em vez de se fechar apenas à Europa, poderá ver-se como um elo central numa *hub* mais global e não ser apenas um terminal de todas as outras *hubs*. Ou então, cria uma *hub* própria, aproveitando as importantes ligações que possui com o Norte de África e o Brasil, como forma de contrabalançar o efeito centrífugo que tem nas novas centralidades europeia ou euro-asiática.

**MSG:** O objectivo é diversificar a carteira de investimentos?

**VB:** Não é tanto a carteira de investimentos, porque o nosso país está descapitalizado. É mais a diversificação da base das relações comerciais e dos investidores em Portugal, do que encontrar destinos diversificados para o investimento português. Portugal precisa de atrair capital estrangeiro e aí é conveniente diversificar o leque de “dependências” a que essa necessidade pode dar azo.

**MSG:** Até porque temos pouca capacidade produtiva...

**VB:** Pois, exacto. É preciso tentar criar essa capacidade produtiva e desenvolver alianças estratégicas. A venda da EDP e da REN a interesses chineses pode ser uma forma de diversificar as alianças. É uma forma de criar pontes diversas, aproveitando as nossas relações histórico-culturais.

**MSG:** Muito obrigada.

### **ENTREVISTA 3: PROF. DOUTOR JOÃO DUQUE**

Data: 25/02/2013

Duração da Entrevista: 20 minutos

**MSG:** Qual é a verdadeira situação macroeconómica portuguesa neste momento?

**JD:** A economia portuguesa está a começar a reequilibrar a sua Balança Comercial, o que é bom sinal e, se a reequilibrássemos de forma estrutural, obtendo alguns superávites significativos, passaria a haver algum desafogo financeiro.

Um país que importa mais do que exporta, tem de pagar essas exportações adicionais. Como? Ou emitindo moeda, recebendo fundos da União Europeia, endividando-se, ou através de remessas de emigrantes, etc. Mas Portugal já não tem quase nenhum destes instrumentos a funcionar e, nos últimos tempos, tem-se endividado excessivamente.

Há dez anos atrás, Portugal estava numa situação óptima. Agora estamos numa situação terrível. Na altura, os juros que pagávamos pela dívida não eram muito elevados. Mas entretanto acumulámos défices da Balança Comercial e o Estado endividou-se. Portanto, criámos um problema muito difícil de solucionar.

As exportações portuguesas estão muito direccionadas para o mercado europeu e a própria Europa está a contrair. As exportações vocacionadas para outros mercados estão a sofrer a pressão do euro sobrevalorizado. Aquilo que nos podia salvar, está aparentemente a afundar-se. Nesse aspeto, estou um bocado pessimista.

Este é o quadro de uma economia a tentar desesperadamente servir a procura externa, e não a procura interna que se degrada velozmente. Portugal vende caro para fora da União Europeia e vende cada vez menos para dentro da União Europeia.

**MSG:** Que soluções podem ser equacionadas para acabar com esta crise? Entrevistei o Prof. Ferreira do Amaral que defendeu a saída de Portugal da Zona Euro, mas sei que o Prof. João Duque pensa de maneira diferente e gostaria de ouvir o seu parecer.

**JD:** Sair da Zona Euro é uma hipótese. Eu penso é que o impacto dessa opção seria muito, mas muito negativo. Mas é um pouco como somar a dor. O que é que dói mais? É

preferível uma dor ténue mas prolongada, ou uma dor abrupta? Qualquer pessoa quer a menor das dores e às vezes uma que seja ténue é o suficiente para ultrapassar o problema. O Prof. Ferreira do Amaral defende que o problema está na perna e propõe decepar a perna, para acabarmos com o problema de vez. O que eu tentaria fazer, seria tentar remediar a situação para salvar a perna.

Há uma tensão europeia e os interesses portugueses não estão a ser protegidos pela União Europeia. Esse parece-me ser o principal problema. Imagine que a Troika compreendia a situação portuguesa e não nos aplicava todas estas políticas de austeridade. Numa situação dessas, para quê sair da Zona Euro? Isso seria ótimo e o Prof. João não advogaria o que advoga!

A saída de Portugal do Euro, ainda por cima sozinho, teria um impacto terrível na vida dos portugueses. O que existe hoje não é nada comparando com o cenário de ausência de apoio da Troika, e sem pacotes de auxílio financeiro. Dentro da Zona Euro, pelo menos, Portugal conta com acesso a alguma ajuda, mesmo que seja penosa ou momentaneamente errada. Se Portugal sair da Zona Euro, não terá ajuda nenhuma e duvido que registre, de repente, um aumento imenso das suas exportações. Para ganhar competitividade internacional à custa de uma moeda desvalorizada (vender a preços mais baixos no mercado global), o padrão de vida dos portugueses baixaria significativamente em relação à situação actual (combustíveis muito mais caros, etc.) e aumentariam as greves, dificultando a produção e distribuição dos bens a exportar. As pessoas confrontar-se-iam com supermercados com prateleiras vazias, com preços para produtos importados a valores exorbitantes.

Neste momento, só vejo uma maneira para Portugal sair da crise. A política europeia tem de mudar.

**MSG:** *Ceteris Paribus*, se tudo o mais se mantiver constante, qual a sua expectativa para Portugal até 2015?

**JD:** Até 2015, a situação vai manter-se, com Portugal cada vez mais pobre, mais pobre, e mais pobre.

**MSG:** Uma União Bancária ou mesmo uma Federação Europeia, são opções viáveis e do interesse de Portugal?

**JD:** Uma maior integração é fundamental. A União Europeia, como ela existe, não é um modelo sustentável, esgotou-se. No meu entender, é preciso criar uma Federação Europeia. É preciso um governo com um orçamento grande, importa transferir algumas responsabilidades para um governo central.

**MSG:** Portugal beneficiaria, mesmo no caso do centro de gravidade da geoeconomia se estar a transferir do Atlântico para o Pacífico, e do Hemisfério Norte para o Hemisfério Sul? Como Estado-membro de uma União Europeia mais forte sobreviveria melhor assim?

**JD:** Sim, claro.

**MSG:** O reforço do FMI (do sistema das Nações Unidas) seria importante para a estabilização do sistema financeiro internacional?

**JD:** O FMI tem de salvaguardar o equilíbrio e a distância, porque não é um fundo europeu. Eles intervêm para tentar ajudar os países, mas não no sentido de proteger a Europa, não é esse o objectivo. A União Europeia tem é de alterar o seu modelo.

Actualmente, as políticas não são aplicadas por um governo eleito pelos cidadãos europeus. É esse modelo federal que falta. Nós não temos um Obama na Europa. Durão Barroso, o Presidente da Comissão Europeia, passa a vida a intermediar, a fazer gestão política, a negociar. Deve passar o dia todo a falar várias línguas, com dois telefones, cada um em sua orelha... assim, é ingovernável!

**MSG:** Muito obrigada.

## **ENTREVISTA 4: MAJOR GENERAL JOSÉ FREIRE NOGUEIRA**

Data: 27/02/2013

Duração da Entrevista: 30 minutos

**MSG:** Qual é a verdadeira situação geopolítica de Portugal neste momento?

**JFN:** É muito antiga, é continuar a existir. De vez em quando, Portugal questiona-se se deve existir ou não. Não conheço mais nenhum país que o faça. Esta questão é importante, porque tem a ver com a nossa capacidade de resistência às situações que vão aparecendo.

Portugal não teve grandes dúvidas enquanto lutou pela sua independência. A dúvida apareceu depois do império. A dúvida não aparece nos cronistas anteriores. Mas essa indecisão começa a aparecer no período filipino, em que é necessário inventar uma série de mitos históricos que justifiquem a existência de Portugal. Depois encontra uma série de interrogações permanentes que vão até à Geração de 70, à época de Eça de Queiroz. Depois houve um declínio moral no fim da Monarquia, ou mesmo no fim da I República. Surge a eterna pergunta, se devemos ser absorvidos por Espanha. É quase uma luta permanente pela existência. Para as gerações do princípio do séc. XX, Portugal não fazia sentido se fosse apenas europeu, se não tivesse império e colónias.

**MSG:** Portugal caminha para uma Federação Europeia?

**JFN:** Por uma série de condicionalismos, Portugal aderiu à União Europeia. O que vai a arrepio de toda a nossa História (que foi negar a Europa). Ainda hoje, no Boletim Meteorológico, nós dizemos “na Europa”, como se nós não fizéssemos parte dela.

Portugal existiu durante muitos séculos por oposição ao que hoje é Espanha. A Espanha sempre sonhou em absorver Portugal, mas nós mostrámo-nos diferentes em cultura, tínhamos uma língua própria e um império, éramos independentes. Mas o mundo está em permanente mutação. Então, o que poderá acontecer?

Primeira hipótese: a União Europeia falha e andamos um pouco para trás. Nada nunca volta a ser com era antes, mas Portugal volta a ser um país independente. Esta situação não está completamente fora de causa, como há dez anos se poderia supor. Julgo que esse é o pior cenário.

**MSG:** Porquê? Haveria o risco de uma guerra na Europa?

**JFN:** No curto prazo, não. Mas no longo prazo, é possível. Não há nenhum determinismo nisso, mas os egoísmos nacionais, que já estão a renascer, seriam mais fortes. Os racismos e os sentimentos de superioridade tenderiam a afirmar-se. É possível que velhas raivas nacionais possam ressurgir em força.

Tensões já existem. Há a Europa do Sul com a sua individualidade própria, mais próxima do Mediterrâneo. Há a Europa do Norte, que é em quase tudo diferente da do Sul. Há uma Europa de Leste que está entre os interesses da Alemanha e os da Rússia. Se não houver união, será tudo muito complicado.

A segunda hipótese: é pós-moderna.: Foi a Europa inventou o Estado-Nação, também pode ser a mesma Europa o coveiro do Estado-Nação (que apenas se afirmou na Europa depois do séc. XVII). Hoje em dia, o Estado-Nação é demasiado pequeno para as coisas grandes e demasiado grande para as coisas pequenas. É óbvio que há um a crise do Estado-Nação, pois este sofre muita concorrência.

Os Estados-Nação vivem em total esquizofrenia, pois fingem que fazem uma série de coisas que já não fazem. Estão limitados pela força das multinacionais, das organizações internacionais, etc. Aquela ideia que o que é bom para a *General Motors* é bom para os EUA, já não é bem assim. As multinacionais têm vontade própria. Depois temos as burocracias internacionais e a interdependência complexa de que falava Keohane e Nye (1972).

As populações sentem-se desprotegidas pelo Estado e pelos grandes poderes que estão demasiadamente longe, e assim ressurgem os nacionalismos e as vontades autonómicas, o que poderá levar à desintegração de países como a Espanha, a Bélgica e a Itália.

**MSG:** Mas é também por isso que se propõe uma Federação Europeia, para evitar a desintegração interna dos países. A minha questão é se esse projecto vai de encontro aos interesses de Portugal, que é precisamente um Estado-Nação e não uma Federação como a Alemanha ou um país em permanente tensão interna como a Bélgica.

**JFN:** Pode ser ou não. Se o projecto de Federação Europeia avançar, pode não ser possível travar o processo. Tem algumas vantagens. Portugal é uma região, não vai desintegrar-se. A República gasta milhões com a Madeira e os Açores. Os arquipélagos não são ricos, não

teriam vantagens em autonomizar-se. Os EUA não estão interessados nos Açores, não precisam deles.

**MSG:** A minha próxima pergunta era precisamente sobre a Base das Lajes. Os EUA estão a desinvestir na ilha Terceira, que hoje é pouco mais do que um posto de abastecimento a meio do Atlântico. Mas a minha pergunta não é sobre o que os EUA pretendem fazer nos Açores. Para mim, o importante é saber quais são os nossos interesses? Portugal possui um triângulo estratégico no Atlântico (Continente, Madeira e Açores), portanto, qual é a visão estratégica de futuro nesta matéria?

**JFN:** Há mais interessados para além dos EUA. Mas a China está demasiado longe. Dizer que a China quer dominar o mundo vai contra a própria idiossincrasia daquele país. Mas isto desvia-nos da nossa questão inicial.

Num cenário de desintegração da Europa, Portugal possui alguma massa crítica. Se a Itália se dividir em três e a Espanha se dividir em quatro, Portugal não seria considerado um país pequeno.

**MSG:** Se a Catalunha se tornasse independente, Portugal corria o risco de ser absorvido por Espanha, num novo governo ibérico?

**JFN:** Entre um governo ibérico e um governo europeu, temos de pensar muito bem qual é preferível. Na minha opinião, se houver desintegração europeia, haverá reajustamentos regionais. Depois, é uma questão de estatuto. Uma coisa é Portugal ser um dos dois países da Península Ibérica, outra coisa é ser um dos cinco países da Península Ibérica.

Terceira hipótese. É a situação correr bem. Caminhar para uma Federação Europeia honesta (pode nunca o ser), em que haja uma representação senatorial num sistema igualitário, como existe nos EUA. Haveria o mesmo número de senadores portugueses e de italianos, por exemplo. Esta hipótese não está fora de questão, a Europa sempre conseguiu dar a volta. Mas neste momento não parece ser capaz de o fazer.

Quarta hipótese. Todos os Estados que tiveram colónias possuem uma maior capacidade de projecção internacional. Num contexto de desintegração, esta questão pode ter grande importância geopolítica. A ideia do Estado Novo de que Portugal não era um país apenas europeu, e que tendia cada vez mais a sê-lo cada vez menos, pode vir a ter uma concretização qualquer num contexto de desintegração europeia.

**MSG:** Proponho-lhe um exercício académico. Analisando o contexto português actual, seria possível fazer um paralelismo histórico com outra época que Portugal tenha vivido? Há autores que consideram a História cíclica...

**JFN:** Os ciclos, não sendo semelhantes, têm pontos de contacto. Portugal poderia estar numa situação parecida àquela que viveu antes da I Guerra Mundial. Este conflito salvou-nos, porque Espanha queria anexar-nos, porque havia interessados no nosso império, impediu na altura a nossa desintegração.

**MSG:** Seria impossível estabelecer um paralelismo com o período entre 1580/1640? Digo isto porque a herança de Carlos V e de Filipe II era um império também europeu, mas o equilíbrio começou a descambar quando a Catalunha declarou que queria ser independente e lutou por isso, e na época os portugueses revoltaram-se contra o excesso de impostos que Espanha lhes impunha.

**JFN:** Carlos V e Filipe II foram dos que tentaram construir uma Europa unida à força. Nesse aspecto há algumas semelhanças. Mas também tem aspectos muito diferentes, pelo que é um exercício difícil de equacionar.

Os russos tinham um mapa que mostrava três países (a Espanha, a Alemanha e a França) como aqueles que tinham tentado obter a hegemonia na Europa e elogiavam os Ingleses, como aqueles que sempre tinham sabotado todas estas tentativas.

Neste momento, posso dizer que, do ponto de vista geopolítico, o que Portugal está a fazer é contra-natura. Portugal foi atlantista ao longo da sua história, sempre foi mais marítimo. O Reino Unido talvez venha a sair da União Europeia. O Obama agora quer recentrar o diálogo nas relações transatlânticas. Esse tipo de solução interessa mais a Portugal do que outras que o confinem a uma situação de periferia. Factores geopolíticos e de ligação para oeste são bons para nós. Para leste, não.

**MSG:** Em relação aos factores geopolíticos, quais são os que Portugal deveria explorar? E o nosso mar? Ou é falácia equacionar a questão por não temos capacidade para o fazer, e devemos investir em *pooling and sharing*, e partilhar o que é nosso com os europeus, deixando que os seus barcos venham explorar a nossa costa?

**JFN:** É claro que devemos apostar no mar. Deixámos desaparecer a nossa frota. Quase só fizemos disparates. Mas também é fácil criticar agora, depois da desgraça ter acontecido. Pode ler um artigo meu no Observare, “a Europa, a Geopolítica da Desunião”.

É o mar e a nossa localização. O que mais temos? A nossa História. O que falta? Juntar-nos aos que são maiores do que nós.

**MSG:** Em relação aos grandes paradigmas das relações internacionais, Portugal deverá continuar a investir no idealismo político ou deverá regressar ao realismo político?

**JFN:** Temos de fazer um pouco das duas coisas, como é normal. Temos tido líderes capazes de o fazer ao longo da nossa História.

**MSG:** Pode ser que entretanto apareça um.

**JFN:** Eu não estou a ver nenhum. Mas às vezes o génio reconhece-se à posteriori. Estamos um pouco como antes das Invasões Francesas.

**MSG:** Na sua opinião, qual vai ser o futuro geopolítico de Portugal?

**JFN:** Há sempre uma palavra de esperança. Portugal é um país muito antigo, tem raízes profundas e não vai ser esta crise que vai acabar com o país. Nem merecemos acabar, mostrámos uma resiliência de novecentos anos.

As escolhas são sempre as mesmas. Ou nos viramos para um poder continental que nos pode ajudar, como os Filipes quiseram inicialmente e também os Franceses declaravam (Junot gostaria que as Beiras tivessem o seu Camões). Toda esta gente, em teoria, vem cá com a melhor das intenções. O pior é depois.

Ou viramo-nos para o mar. A nossa vocação não é a Europa. Os povos podem mudar completamente, mas eu tenho as minhas dúvidas que tal aconteça. Estamos completamente virados para o mar.

Temos de perceber quais são as razões para as nossas opções permanentes. Se nos virarmos completamente para a Europa, só nos salvamos se ela se aprofundar. E se correr bem. Se correr mal, Portugal vai atravessar momentos de muita dificuldade.

**MSG:** Muito obrigada.

## **ENTREVISTA 5: GENERAL JOSÉ LOUREIRO DOS SANTOS**

Data: 13/03/2013

Respostas obtidas por e-mail

As perguntas são:

### **1) Qual é a verdadeira situação geoestratégica portuguesa neste momento?**

Não existem alterações relevantes no valor da posição estratégica do triângulo estratégico português. Embora o progresso tecnológico dos meios aéreos possa diminuir a necessidade do uso do território nacional em apoio de voos transatlânticos, isto não tem reflexos expressivos quando for preciso transferir grandes massas de combatentes em curto espaço de tempo, situação cuja probabilidade aumentou com a redução dos efetivos norte-americanos na Europa. Por outro lado, em termos marítimos, prevê-se grande valorização da posição geoestratégica portuguesa, resultante do reforço da sua posição geoconómica com o alargamento do Canal do Panamá.

### **2) Em Portugal, existe um problema de: a) falta de recursos; b) má gestão dos recursos; c) má identificação/exploração dos seus melhores sectores em cada época histórica?**

O problema português tem sido, historicamente, a má gestão dos recursos. Ciclicamente, os recursos que o país tem, produz ou obtém do exterior, são tomados por "devoristas", o que impede a sua aplicação no desenvolvimento do país.

### **3) Quais são os principais factores geoestratégicos que poderiam ajudar Portugal a sair desta encruzilhada? Estão a ser explorados? Que tipo de alianças estratégicas se justificariam nesta matéria?**

As principais potencialidades estratégicas que deveriam ser aproveitadas, aprofundadas e exploradas são: identidade e coesão nacionais, regime democrático consolidado, natureza dos nossos recursos humanos e grau já atingido em termos de & e D, posição central no

espaço atlântico, valiosa plataforma continental, relevante espaço linguístico de que dispomos, e a nossa presença histórica em vários continentes.

**4) A reforma das Forças Armadas em curso pode pôr em causa a capacidade de resposta portuguesa aos desafios geoestratégicos da actualidade, nomeadamente no Norte de África e da pirataria nas águas da CPLP (Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe)?**

Se não for efetuada de acordo com o que se encontra estabelecido na Lei, através do funcionamento adequado do ciclo de programação estratégica iniciado há pouco tempo, tendo em conta o ambiente estratégico atual e previsível, existem graves riscos de isso acontecer.

**5) É do interesse nacional avançar para uma Federação Europeia? Porquê?**

Na atual situação, será impossível uma deriva federativa da União Europeia no sentido que nos interessaria (tipo EUA), dada a sua natureza intergovernamental, de que os Estados mais poderosos não abdicam, particularmente a Alemanha. Teremos que estar muito atentos, pois poderá haver tentativas destas potências mascararem medidas intergovernamentais, que mantêm a existência de um Diretório (tenderá a ser de um só país, logo passar a Império), de medidas "federativas".

**6) Na sua opinião, qual poderá ser o futuro de Portugal em 2025?**

Com um pequeno grau de probabilidade, ser uma "província" de segundo nível de um "Estado" europeu dirigido por Berlim - com todos os inconvenientes estratégicos que são inerentes a um cenário destes. Com maior probabilidade, no centro de uma aliança atlântica que poderá abranger os países marítimos de ambas as margens do oceano (da Europa, o seu arco marítimo), juntamente com alguns países do Centro/ Leste Europeu receosos da Alemanha e da Rússia.

## **ENTREVISTA 6: MAJOR GENERAL PEDRO PEZARAT CORREIA**

Data: 02/04/2013

Duração da Entrevista: 90 minutos

(conversa informal, oral e de improviso)

### **1) Qual é a verdadeira situação geopolítica portuguesa neste momento?**

Considero que a geopolítica é mais instrumental do que um conceito definitivo. É uma ferramenta de apoio às decisões políticas. A geopolítica é o estudo dos factores geográficos em função da decisão política. Não há bem uma “situação geopolítica”, porque a geopolítica é instrumental. Mas eu compreendo o que pretende com a pergunta, que é importante para o seu trabalho, como é evidente.

A situação política que depende dos factores geográficos tem que ser equacionada em vários planos. Primeiro, temos Portugal enquanto entidade própria. Mas tal avaliação não faz grande sentido hoje em dia, porque Portugal está inserido na União Europeia (UE).

O espaço que mais condiciona Portugal é o europeu. Do ponto de vista mais geoestratégico podemos referir também a OTAN. É a CPLP. E a própria globalização.

Há ainda outro espaço em que Portugal se inscreve, que é a Península Ibérica. Não é indiferente para Portugal a presente tendência para a descentralização (ou mesmo para o desmembramento) do Estado espanhol. O nosso país precisa reflectir e equacionar essa hipótese, para saber como agir se tal ocorrer. Esta situação não é de hoje, tem séculos! O País Basco e a Catalunha são as regiões autónomas espanholas com maiores reivindicações independentistas. Se houver uma Federação Ibérica, talvez gostassem que Portugal fizesse parte do grupo. Estes fenómenos ocorrem na mesma altura em que a UE pondera a hipótese de caminhar para uma união política. Então constituir-se-ia uma Federação para fazer parte de uma confederação mais alargada? Não vou dizer que tal vai acontecer. Mas há factores externos que têm de ser considerados por Portugal.

Em síntese, Portugal insere-se em diferentes espaços, tais como o ibérico, a UE, a CPLP, a OTAN, a global.

**2) Em Portugal, existe um problema de: a) falta de recursos; b) má gestão dos recursos; c) má identificação/exploração dos seus melhores sectores em cada época histórica?**

Não deve haver nenhum país, mesmo muito rico, que não se queixe de falta de recursos. Os Estados do Médio Oriente têm muito petróleo mas não têm água, por exemplo. Angola tem água e petróleo (recursos permanentes), mas tem grande falta de recursos humanos qualificados e de organização administrativa (recursos conjunturais).

A Portugal faltam-lhe recursos energéticos (petróleo). Tem alguma carência de água e os seus principais recursos hídricos nascem em Espanha, pelo que fica condicionado quando o país vizinho abre as barragens (porque tal causa inundações) ou vice-versa. O problema também se coloca ao nível das remessas de emigrantes. As nossas principais receitas estão muito dependentes do exterior (por exemplo, do turismo).

Um dos nossos factores principais é a nossa posição geográfica. Primeiro, pela nossa costa marítima e pelos nossos arquipélagos. Portugal deixou de aproveitar ao máximo a sua condição marítima e a sua zona económica exclusiva (ao nível dos recursos piscícolas, por ser uma zona de trânsito, ...).

Portanto, mais do que a falta de recursos (que afecta todos os países), há uma certa incapacidade para usufruir plenamente dos recursos disponíveis.

Portugal é uma porta de entrada para a UE para o comércio com os BRICS e para todo o Atlântico sul, mas tal não está a ser suficientemente aproveitado.

O Atlântico, que antes era o centro mundial, está a sofrer com uma transferência de poder para o Pacífico (os EUA continuam poderosos mas estão a investir muito mais na sua costa oeste). Diz-se que o séc. XXI vai ser o século da Ásia ou do Pacífico. Se tal se efectivar, Portugal torna-se num dos países mais periféricos. A UE é periférica e Portugal é, de todos os Estados-membros, o mais periférico. Nesse século XXI asiático, os BRICS têm uma maioria de países asiáticos (Rússia, China e Índia) ou uma maioria nos chamados países do Sul, no contexto Norte-Sul (Brasil, África do Sul, Índia e China).

Se em Portugal, houve má identificação/exploração dos seus melhores sectores em cada época histórica? Bom, somos acusados de nunca ter aproveitado bem as oportunidades e os recursos, nem nos tempos das Descobertas. Foi o mar que nos atraiu, sobretudo à longa distância. No tempo da expansão portuguesa, o primeiro grande objectivo foi chegar à Índia, trazer as especiarias. Portugal tornou-se uma potência marítima. Mas depois perdemos o império da Índia. Os portugueses instalavam-se no destino e depois apostavam no transporte das matérias-primas. A nossa fixação no Oriente foi reduzida e fomos pouco mais que uma empresa de transportes. Depois Portugal expandiu-se para o Brasil mas aplicámos o ouro em Mafra e em obras públicas. Desde que Portugal começou a consolidar a sua identidade nacional (sobretudo depois da segunda dinastia) foi sempre muito dependente do estrangeiro. O terceiro ciclo do império, em África, Portugal possuía algumas feitorias de apoio à navegação, mas só iniciou a colonização a sério depois da Conferência de Berlim e Angola tornou-se a jóia da coroa.

Consequentemente, Portugal nunca tirou grandes rendimentos destes três ciclos do império e sempre foi muito condicionado pelas potências mais fortes. A defesa face ao nosso adversário principal (Espanha) fez com que continuássemos dependentes em relação ao nosso mais antigo aliado (Grã-Bretanha). Mostrámos grande incapacidade para explorar eficazmente os recursos disponíveis. Portugal sempre foi um peão no xadrez internacional.

Actualmente, temos falta de recursos e fazemos uma má gestão dos mesmos. E o nosso governo assume publicamente que estamos sob tutela, pois parte da nossa soberania está entregue em mãos estrangeiras.

**3) Quais são os principais factores geopolíticos que poderiam ajudar Portugal a sair desta encruzilhada? Estão a ser explorados? Que tipo de alianças estratégicas se justificariam nesta matéria?**

Primeiro, a localização geográfica assume risco de desvalorização se o centro do poder mundial se transferir do Atlântico para o Pacífico. Face à UE, o factor localização pode ser positivo (enquanto porta de entrada) ou negativo (periférico face aos centros de decisão europeia, face á tendência de se virar para leste).

Segundo, a demografia. Nascemos menos e emigramos mais. Esta tendência é compensada com a imigração mas cada vez menos, pois Portugal entrou em crise económica e deixou de atrair mão-de-obra qualificada. O problema demográfico tende, pois, a agravar-se.

Terceiro, a exploração dos recursos disponíveis é deficitária. Há actualmente uma paralisia da nossa economia, o que agrava a nossa dependência face ao exterior.

Quais são os principais factores geopolíticos que poderiam ajudar Portugal a sair desta encruzilhada? Estão a ser explorados? Isto é o problema do ovo e da galinha. Por onde começar? É necessário resolver o problema económico e investir numa maior capacidade de produção, para haver mais riqueza para distribuir pelos cidadãos.

Que tipo de alianças estratégicas políticas se justificariam nesta matéria? A resolução terá de passar pela UE. Sei que a Zona Euro nos trouxe dificuldades mas não sei se saíssemos da Zona Euro resolveríamos os nossos problemas.

A realidade é que Portugal, neste momento, não tem capacidade de decisão autónoma. A Troika está cá a governar Portugal. O orçamento de Estado, ou seja, o instrumento principal que condiciona a vida dos cidadãos, está a ser gerido por patamares políticos que não são escolhidos pelos portugueses. Nós não elegemos essas pessoas.

Podemos tentar algumas alternativas, por exemplo, no espaço da Lusofonia (que não é apenas histórico-cultural). Aqui destacam-se as relações económicas com o Brasil, Angola e Moçambique. A CPLP é um capital para nós e uma aliança estratégica a cultivar. Se os países lusófonos crescerem, nós podemos aproveitar as nossas relações privilegiadas com eles. Mas também podem deixar de precisar de nós, pelo que temos que saber gerir a situação (e neste aspecto há algumas comparações possíveis com a relação Grã-Bretanha/EUA, pois a primeira tem presentemente uma posição secundária em relação aos segundos).

Ao nível da globalização, a situação até é mais ingrata para Portugal, pois isoladamente o país não tem importância nenhuma. Portugal deve ter como principal preocupação geopolítica a valorização do seu papel em cada um dos espaços em que se insere.

#### **4) É do interesse nacional avançar para uma Federação Europeia? Porquê?**

Só lhe posso dar uma opinião pessoal. Pode haver outros tipos de associação europeia sem ser necessariamente a Federação.

Queremos fazer parte dos EUA da Europa? A Alemanha é uma Federação mas é um modelo diferente dos EUA. A Alemanha seria uma Federação dentro de uma Confederação

Europeia? A Alemanha gostaria de liderar uma Federação Europeia? Portugal, Espanha, França, etc. teriam de ter, numa Federação, um estatuto semelhante ao da Alemanha.

Tenho algumas dúvidas em relação à criação de uma Federação Europeia. Quando Portugal aderiu à construção europeia, entrou para a CEE (Comunidade Económica Europeia). Foi com o Tratado de Maastricht que caminhámos para a Zona Euro e agora para uma maior integração política.

Há duas tendências: uma mais europeísta (eixo franco-alemão), outra mais atlantista (relações com os EUA). Eu próprio reconheço as minhas hesitações nesta matéria e dependem da conjuntura de cada momento.

Quando os EUA se afirmaram como a única hiperpotência mundial, com o fim do bloco soviético, eu fui favorável a uma integração política europeia como contraponto à hegemonia dos EUA. A forma como se verificou o fim do sistema bipolar surpreendeu a generalidade dos analistas que pensavam (com base na teoria da convergência dos sistemas) que a tendência seria para o mundo se tornar multipolar, provavelmente pentapolar, cujos pólos seriam EUA, UE, Japão, URSS e RPC. Uma voz discordante, Raymond Aron, admitia a evolução para uma unipolaridade, mas que seria dominada pela URSS. Afinal o sistema tornou-se unipolar mas sob a hegemonia dos EUA que ganharam o estatuto de hiperpotência. Face aos efeitos da globalização e da unipolaridade, que me pareciam negativos, eu coloquei esperanças no projecto europeu enquanto potência autónoma que pudesse constituir alternativa à hegemonia unilateralista dos EUA. Mas, entretanto, a situação mudou muito depressa. Os EUA, com o orgulho imperial da era W. Bush, encarregaram-se eles próprios de desbaratar o seu poder no mundo, a UE está a encontrar dificuldades em afirmar-se como entidade política e parceiro no xadrez geoestratégico internacional e surgiram os Estados emergentes (os BRICS), indiciando que estamos a caminhar para uma multipolaridade.

Actualmente não me parece que o europeísmo seja importante para fazer face aos EUA e nem sequer que tenha condições para isso mas uma UE mais forte seria útil como parceiro num sistema global.

### **5) Na sua opinião, qual poderá ser o futuro de Portugal em 2025?**

Em 2025 estaremos a viver num mundo multipolar. Neste sistema, se a UE não for um parceiro forte, será a Alemanha. A História diz-nos que a Alemanha sempre teve tendência para assumir políticas expansionistas, para lutar pelo seu espaço vital quando se sente apertada geograficamente. Isto é muito preocupante.

Podemos desenhar cenários e tendências e reflectir sobre o papel de Portugal neste mundo multipolar. Em princípio numa Europa politicamente associada Portugal poderá ter uma voz mais activa do que no Atlântico como aliado dos EUA. Portugal poderá ser mais importante para a Alemanha, enquanto porta de entrada na UE, do que para os EUA que estão a virar-se para o Pacífico.

Neste quadro, os países periféricos poderiam talvez constituir um *lobby*. Parece que as políticas europeias actuais não estão a velar pelos interesses europeus no seu conjunto. Actualmente a Alemanha tornou-se numa força hegemónica na Europa e está a reforçar o seu poder. Está a criar-se um fosso Norte/Sul.

O futuro de Portugal? Neste contexto algo pessimista, o papel de Portugal será muito limitado.

## **ENTREVISTA 7: DR. JOAQUIM AGUIAR**

Data: 04/04/2013

Respostas obtidas por e-mail

### **1) Qual é a verdadeira situação geopolítica portuguesa neste momento?**

A posição geopolítica de Portugal não se alterou, continua a ser uma sociedade periférica com poucos recursos, baixa produtividade e, porque fica dependente de políticas distributivas, com forte propensão ao endividamento. Ou seja, é uma sociedade periférica dependente. Nestas condições, a valorização desta posição geopolítica será sempre mais função dos aliados – aqueles que prolongam os poucos recursos existentes porque os integram em correntes estratégicas mais vastas – do que da vontade nacional ou do que os projectos nacionais. Na crise actual, o campo estratégico relevante é o da resolução da crise na escala europeia: Portugal só é importante porque é um dos espaços experimentais em que se ensaia o que poderá vir a ser a nova configuração institucional europeia, mas também poderá ser uma das pedras que se solta na montanha e anuncia a derrocada.

### **2) Em Portugal, existe um problema de: a) falta de recursos; b) má gestão dos recursos; c) má identificação/exploração dos seus melhores sectores em cada época histórica?**

Em Portugal existe um défice de regulação, que é mais importante do que a falta e a má gestão dos recursos ou a dificuldade em seleccionar as suas especializações. É mais importante porque é pelos dispositivos de regulação que se estabelece a diferenciação entre o possível e o impossível, entre o valor contabilizado nos balanços e o valor que se pode obter nos mercados, entre a ilusão e a realidade. É porque os dispositivos de regulação são capturados e distorcidos pelos que estão interessados em explorar os canais de distribuição, que o valor potencial dos recursos nunca chega a ser obtido porque os seus resultados intermédios são desviados antes de atingirem a sua maturação.

**3) Proponho um exercício académico. Admitindo a História cíclica, estabeleceria algum paralelo entre a actualidade portuguesa e outro contexto semelhante que Portugal possa ter vivido no passado, para que possamos avaliar causas e possíveis consequências?**

Para um país aliado e dependente como é Portugal os seus ciclos são determinados pelos ciclos da área em que se insere. A prosperidade ou a decadência são determinados do exterior para o interior. Diferente é a questão das crises de grande intensidade. Portugal não tem escala para influenciar as crises europeias, mas pode agravar as suas crises internas se interpretar mal o que vai ser a evolução da trajectória europeia. Quem vive em casa de hóspedes tem de se adequar às regras dos outros.

**4) Quais as principais medidas que Portugal deveria adoptar para sair da encruzilhada em que está?**

Escolher um culpado e servir-se dele para exorcizar os demónios, isto é, para estabelecer o que é impossível (ou seja, aquilo que não se pode obter com os recursos que temos) e, por contraste com esse impossível, delimitar o que é o campo de possibilidades. A sequência mais frequente em Portugal, e que conduz às crises, é inversa desta: define-se o que desejamos e atribuímos-lhe o estatuto de necessariamente possível, o que termina na crise que revela a impossibilidade. Quem tem miragens no deserto acorda com a boca cheia de areia. Quando havia Igreja, era mais fácil a delimitação entre o possível e o impossível, pela via dos interditos e dos pecados. Sem Igreja, quando tudo é permitido, só a punição da crise corrige os excessos.

**5) É do interesse nacional avançar para uma Federação Europeia? Porquê?**

Com o seu actual nível de rendimentos e de expectativas, Portugal só existirá no interior da Federação Europeia. Não existindo Federação Europeia, Portugal terá de sofrer uma drástica redução de rendimentos e de expectativas até voltar a encontrar condições para uma estratégia de desenvolvimento – que implicará sempre o abandono das estratégias de distribuição.

**6) Na sua opinião, *ceteris paribus*, qual poderá ser o futuro de Portugal em 2025?**

Não é possível usar a cláusula do *ceteris paribus* no horizonte de 2025, porque tudo terá mudado nesse intervalo de tempo, que é o período em que será decidida a localização do

novo centro hegemónico mundial, de que dependerá tudo o resto. Com Federação Europeia, Portugal terá as especializações seleccionadas no espaço continental e o modelo de referência será a Florida nos Estados Unidos. Com hegemonia chinesa, o modelo de referência será Macau, uma base de penetração dos interesses chineses na Europa, mas também uma base de supervisão para o Atlântico Sul, uma área vital para a potência chinesa dominante. Com a continuação da hegemonia americana, em processo de diluição, Portugal não tem relevância e voltará a ser uma plataforma de passagem de redes de interesses como antes foi de povos e tribos.